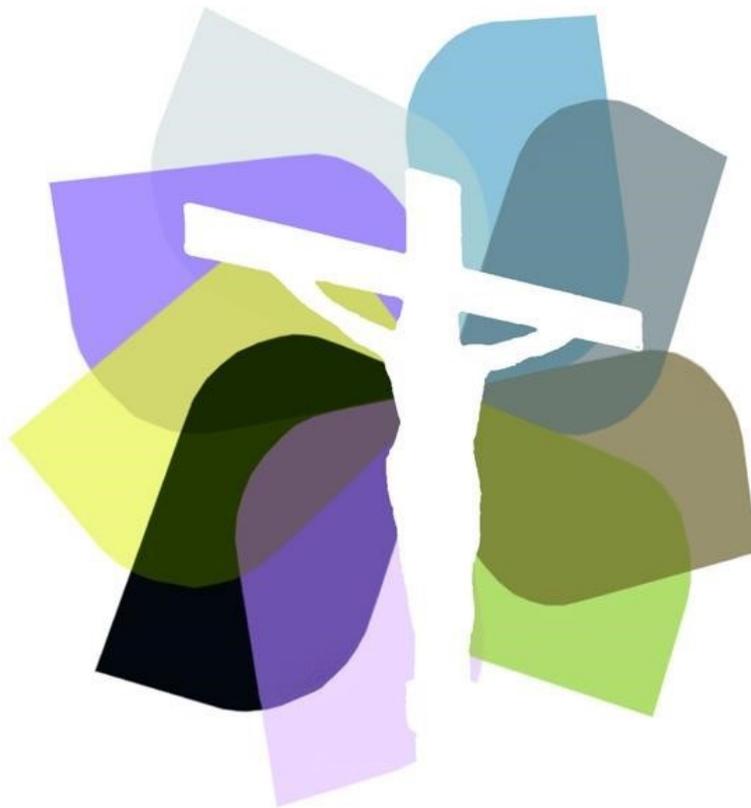


SERVIÇO DIOCESANO DA LITURGIA

CAMINHADA SINODAL
SUBSÍDIOS LITÚRGICOS



A BELEZA DE CAMINHARMOS JUNTOS EM CRISTO



OUTROS DOCUMENTOS

Da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo actual, Concílio Vaticano II

1. As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história.

4. Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático. Algumas das principais características do mundo actual podem delinear-se do seguinte modo.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra.

Provocadas pela inteligência e actividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos

individuais e colectivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflecte também na vida religiosa.

Como acontece em qualquer crise de crescimento, esta transformação traz consigo não pequenas dificuldades. Assim, o homem, que tão imensamente alarga o próprio poder, nem sempre é capaz de o pôr ao seu serviço. Ao procurar penetrar mais fundo no interior de si mesmo, aparece frequentemente mais incerto a seu próprio respeito. E, descobrindo gradualmente com maior clareza as leis da vida social, hesita quanto à direcção que a esta deve imprimir.

Nunca o género humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio económico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos. Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido da liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológica. Ao mesmo tempo que o mundo experimenta intensamente a própria unidade e a interdependência mútua dos seus membros na solidariedade necessária, ei-lo gravemente dilacerado por forças antagónicas; persistem ainda, com efeito, agudos conflitos políticos, sociais, económicos, «raciais» e ideológicos, nem está eliminado o perigo duma guerra que tudo subverta. Aumenta o intercâmbio das ideias; mas as próprias palavras com que se exprimem conceitos da maior importância assumem sentidos muito diferentes segundo as diversas ideologias. Finalmente, procura-se com todo o empenho uma ordem temporal mais perfeita, mas sem que a acompanhe um progresso espiritual proporcionado.

Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos. Daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução actual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta.

Da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Santo Padre Francisco, sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual.

102. A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja.

Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicado, dotado de um arreigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé. Mas, a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do Baptismo e da Confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte; nalguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, noutros por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa dum excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões.

Apesar de se notar uma maior participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflecte na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e económico; limita-se muitas vezes às tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade. A formação dos leigos e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais constituem um importante desafio pastoral.

Do discurso do Papa Francisco aos participantes no fórum internacional dos jovens a 22 de junho de 2019

Depois do encontro com Jesus, Cléofas e o outro discípulo sentiram a necessidade vital de estar com a própria comunidade. A alegria não é verdadeira, se não a partilharmos com os outros. «Como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos!» (Sl 133, 1). Julgo que estais contentes por terdes participado neste Fórum. E agora que se aproxima o momento da despedida, talvez já sintais uma certa nostalgia... E Roma ficará mais tranquila. É normal que seja assim! Faz parte da experiência humana. Nem sequer os discípulos de Emaús queriam que o seu “hóspede misterioso” fosse embora...

“Permanece connosco”, disseram eles, tentando convencê-lo a ficar com eles. Noutros episódios do Evangelho emerge este mesmo sentimento. Recordemos, por exemplo, a transfiguração quando Pedro, Tiago e João queriam armar tendas e permanecer no monte.

Ou quando Maria Madalena encontrou o Ressuscitado e quis retê-lo. Todavia «o seu Corpo ressuscitado não é um tesouro a reter, mas um Mistério a partilhar» (Documento final do Sínodo, 115). Encontramos Jesus sobretudo na comunidade e pelas estradas do mundo. Quanto mais o levamos aos outros, tanto mais o sentiremos presente nas nossas vidas. E tenho a certeza de que o fareis, quando regressardes aos vossos lugares de origem. O texto de Emaús diz que Jesus acendeu um fogo no coração dos discípulos (cf. Lc 24, 32). Como sabeis, para não se extinguir, o fogo deve expandir-se; para não se tornar cinza, deve propagar-se. Portanto, alimentai e propagai o fogo de Cristo que está em vós!

Queridos jovens, repito mais uma vez: sois o hoje de Deus, o hoje da Igreja! Não só o futuro, não, o hoje. Ou jogais agora ou perdereis a partida. Hoje! A Igreja precisa de vós para ser plenamente ela mesma. Como Igreja, vós sois o Corpo do Senhor Ressuscitado presente no mundo. Peço-vos que vos lembreis sempre de que sois membros de um só corpo, desta comunidade. Estais ligados uns aos outros e sozinhos não sobrevivereis.

Vós precisais uns dos outros para fazer realmente a diferença num mundo cada vez mais tentado por divisões. Considerai isto: num mundo em que há cada vez mais divisões, e as divisões trazem consigo conflitos e inimizades, vós deveis ser a mensagem da unidade, ou seja, que vale a pena seguir este caminho. Só caminhando juntos seremos realmente fortes! Com Cristo, o Pão da Vida que nos dá força para o caminho, levemos a luz do seu fogo às noites deste mundo!

Do artigo de Piero Coda, *O caminho da sinodalidade*, sobre o documento da Comissão Teológica Internacional

De fato, é verdade que o destaque da sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja” é um fato que, explicitamente, é bastante recente na Igreja Católica, estando ela conectada à recepção do último concílio. Mas é igualmente indubitável que a experiência que essa palavra diz e as formas concretas de vida eclesial que a realizam afundam suas raízes no próprio evento de Jesus Cristo e na prática de vida da comunidade cristã desde as origens, como tal depois transmitida – com variações diversas ao longo dos séculos – até chegar a nós.

Já afirmava um Padre da Igreja como João Crisóstomo: “Igreja é um nome que está para sínodo”, isto é, para caminho feito juntos: porque sínodo é palavra grega composta pela proposição *sýn*, que significa “com”, e pelo substantivo *hodós*, que significa “caminho”. Os cristãos não foram chamados originalmente de “discípulos do Caminho” – que é Jesus – como atestam os Atos dos Apóstolos?

Caminho feito juntos, portanto, sob a orientação do Senhor ressuscitado, por todo o povo de Deus, na variada e ordenada pluralidade de seus membros e no exercício responsável e convergente dos diversos ministérios, dos diversos carismas, das diversas tarefas e estados de vida. Isso foi sublinhado no ano passado pela Congregação para a Doutrina da Fé, na carta *Iuvenescit ecclesia* sobre a coessencialidade de dons hierárquicos e dons carismáticos.

A Igreja, com efeito, é caminho juntos que contempla a reunião na assembleia, não só naquela forma fontal e constitutiva de seu ser, que é a sinaxe eucarística: quando o povo de Deus escuta a palavra e

celebra o sacramento do corpo e do sangue do Senhor, pela graça do qual ele se faz presente no meio de seu povo para a salvação do mundo; mas também para discernir de tempos em tempos, à escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, canônicas e pastorais que, pouco a pouco, a interpelam.

Foi assim que surgiu uma ininterrupta prática sinodal do coração da experiência de fé vivida pelo povo de Deus: em nível diocesano, provincial, regional e universal. E isso em fidelidade ao princípio inderrogável de que as estruturas e os processos em que se desenvolveu esse intenso e ininterrupto dinamismo, embora marcados pela diversidade das culturas, dos contextos históricos, das sensibilidades espirituais, sempre se realizassem na referência normativa ao testemunho da Sagrada Escritura e ao ensinamento da tradição.

Do artigo *O futuro da Igreja está na sinodalidade*, de Enzo Bianchi

O papa Francisco, de maneira eminente e com grande frequência, fala da necessidade de viver a sinodalidade na Igreja de hoje. Na sua perspectiva, viver e instaurar a sinodalidade na Igreja não é só a maior urgência, mas precisamente da prática da sinodalidade depende o futuro da Igreja e o remédio para muitas patologias que hoje emergem devastadoras e dolorosas.

Após o concílio Vaticano II estávamos habituados a falar de “colegialidade” episcopal e presbiteral, enquanto que o termo “sinodalidade” raramente estava presente na linguagem eclesial católica. E quando se evocava a sinodalidade, isso era feito com referência às instituições das Igrejas orientais-ortodoxas, indicando com o termo “sínodo-sinodalidade” a sua forma de governo. É significativo que nos anos de passagem entre os dois milénios tenha sido delineado e apresentado, primeiro a João Paulo II e depois a Bento XVI, um projeto para um sínodo permanente que estivesse ao lado do bispo de Roma, para o acompanhar no seu ministério petrino de solicitude por todas as Igrejas. Este projeto foi elaborado por alguns dos maiores teólogos e eclesiólogos, e foi levado à atenção dos dois papas com grande esperança. É assim que o sínodo era pensado e desejado, como renascimento da forma de governo da Igreja.

Uma vez bispo de Roma, Francisco, depois de ter feito algumas referências à forma sinodal como estruturação das Igrejas ortodoxas, das quais extrai ensinamento, começou a usar o termo “sínodo-sinodalidade” com um significado muito mais amplo: sínodo é um processo, é uma modalidade de viver a Igreja; sínodo é o caminho eclesial que todos devem fazer juntos, porque os cristãos são companheiros de viagem, “sinodais”; comunhão; sínodo é também liturgia, sendo um ato de uma assembleia santa, sacramental.

É preciso, por isso, assumir uma conceção do sínodo e da sinodalidade que vá além do significado de um acontecimento pontualmente celebrado: a sinodalidade como estilo de vida eclesial, como processo simbólico, porque batizados e hierarquia o vivem em conjunto, como processo pericorético, porque se alimenta da circularidade entre todos os componente da Igreja.

Sim, admite-se que não estávamos prontos para tal compreensão da sinodalidade, e precisamente por isso de um lado devemos reconhecer um atraso da reflexão teológica sobre o tema, do outro devemos confessar uma dificuldade real em chegar a esta nova compreensão indicada pelo papa Francisco.

A propósito, seria muito importante a meditação e a oração do “Adsumus”, uma prece com que há mais de um milénio no ocidente se abrem as assembleias sinodais. Neste texto, que é uma verdadeira epiclese [invocação do Espírito Santo] sobre a assembleia, está presente uma “confessio peccatorum ecclesiae”, portanto, uma “penitência” em que a Igreja se reconhece pecadora, mas sabe também colocar-se à escuta da Palavra de Deus e em escuta recíproca entre irmãos e irmãs, para procurar através do discernimento feito em conjunto a sinfonia espiritual nas ponderações e nas decisões.

Seja, no entanto, claro: nesta compreensão, um sínodo não pode ser uma assembleia reservada aos “quadros”, à hierarquia, a quantos estão à cabeça de grupos ou instituições, mas é uma assembleia de batizados em que cada um e todos devem ser escutados, devem confrontar-se no diálogo que não exclui os conflitos, devem encontrar convergências na caridade fraterna eclesial, devem produzir uma deliberação a que obedecer. Isto segundo o antigo princípio eclesial “quod omnes tangit, ab omnibus tractari et approbari deber”; “o que diz respeito a todos, por todos deve ser discutido e aprovado”.

Para compreender o processo sinodal, é preciso afirmar, antes de tudo e sempre que a sinodalidade só pode ser um caminho feito em conjunto pelos cristãos, sob a hegemonia do Espírito Santo

prometido pelo Senhor Jesus à sua Igreja. O “sýn” (em conjunto, com) não implica só que os cristãos caminhem juntos, mas envolve também a ação do Espírito Santo, que, invocado, desce, inspira e acompanha todo o processo sinodal. Ou o sínodo é um acontecimento em que é o Espírito a ter o primado e a agir, ou não é um sínodo da Igreja, mas só um encontro, uma assembleia, uma instituição social. Porque no sínodo deve ser acontecer uma “conversão do coração”, uma inspiração que indica, ensina, mostra e revela qual é o caminho da Igreja segundo a vontade de Deus. Dito de outra maneira, deve tratar-se de um predispor tudo a fim de que o Espírito Santo possa conduzir até ao termo o trabalho iniciado. Quais são, portanto, as etapas a percorrer como “processo sinodal”?

Ao início está a escuta: escuta da Igreja, escuta na Igreja, escuta do mundo entendido como humanidade. Emergem sempre necessidades, desafios, crises, conflitos que devem em primeiro lugar ser lidos e escutados, não negligenciados nem removidos. Todo o povo de Deus deve exercitar esta vigilância e estar à escuta. Os Atos dos Apóstolos testemunham que a sinodalidade foi percorrida pela Igreja nascente já para reconstituir o grupo dos Doze, mutilado após a traição de Judas. Depois fez-se um caminho sinodal para resolver o conflito entre judeus e helenistas na repartição e partilha dos bens, e o mesmo aconteceu perante a ameaça de um cisma na comunidade cristã entre missionários evangelizadores dos pagãos e a comunidade dos judeocristãos de Jerusalém.

Trata-se, por isso, de saber ler e escutar a realidade com os seus inesperados níveis de crítica. Escutar torna-se, conseqüentemente, escutar-se um ao outro, na vontade de aprender algo do outro e acolherem-se reciprocamente: a escuta de todos, membros fortes ou frágeis, justos ou pecadores, inteligentes ou simples, judeus ou

gregos, homens ou mulheres, é uma confissão prática e uma celebração da unidade dos batizados em Cristo. Todos têm a mesma dignidade de filhos e filhas de Deus, e por isso de irmãos e irmãs de Jesus Cristo: «Um só corpo, um só espírito, uma só vocação», uma única comunhão eclesial! A Igreja é uma fraternidade (“adelphótes”), os cristãos são «pedras vivas do edifício espiritual» que é a Igreja, e em cada um deles está presente o Espírito Santo, a “unctio magistra”, aquele “odor” – diz o papa Francisco – que o habilita a narrar as maravilhas realizadas pelo Senhor, a reconhecer a sua ação e a viver a sua existência como dinâmica do Reino.

Comunidade profética, sacerdotal e real, a Igreja alimenta-se da corresponsabilidade de todos, na pluralidade dos dons e dos ministérios dados pelo Espírito Santo a cada um. O caminho sinodal é o caminho desta realidade que quer percorrer o mesmo caminho, permanecer unida numa comunhão real, para chegar à mesma meta: o reino de Deus. Tomar a palavra é por isso essencial na vida da Igreja, porque significa comunicar, entrar num debate, num diálogo que plasma quantos se escutam reciprocamente, e cria neles solidariedade e corresponsabilidade. Assim a sinodalidade é geradora de uma consciência eclesial, de uma fé pensada e motivada que torna todo o batizado protagonista da vida e da missão da Igreja.

Nesta escuta “horizontal” deve estar sempre presente a escuta do Evangelho, daquilo «que o Espírito diz às Igrejas». Quero dizer «nesta escuta» dos irmãos e das irmãs, e não «junto a esta escuta», porque não é possível separar a escuta intra-humana da escuta de Deus. Deus fala-nos nos acontecimentos, nos encontros com os outros, na espessura do quotidiano, quer escutemos a sua Palavra na liturgia ou na “lectio divina”, quer quando encontramos os nossos irmãos e irmãs em humanidade. É verdade que, no que respeita à escuta é

preciso distinguir entre a dimensão litúrgica e o contacto direto com a Palavra contida nas Escrituras, por um lado, e a dimensão dos sinais dos tempos, da história, da vida diária, por outro.

Em todo o caso, é verdadeiro que este primeiro passo da escuta recíproca e da tomada da palavra é hoje mais difícil e árduo, porque a sinodalidade requer obediência ao Evangelho, pertença eclesial, formação contínua, disponibilidade para a mudança e para a criatividade: não estamos exercitados nesta escuta, e mesmo nas comunidades monásticas, que deveriam ser casas e escolas de sinodalidade, na realidade esta operação é difícil, de tal maneira que dá lugar a uma demissão geral e à escolha de deixar a palavra, e portanto a decisão, à autoridade. Mas repito: o primeiro passo sinodal continua a ser a escuta recíproca, a tomada da palavra da parte de todos, ninguém excluído, a vontade de não esconder ou remover os conflitos, que devem ser enfrentados, a afirmação da fraternidade através do reconhecimento da subjetividade do outro e da sua responsabilidade. Toda a assembleia, e no seu interior cada um e cada uma com a escuta e a palavra, são capazes de mostrar o acordo «com toda a Igreja».

Depois desta primeira etapa, impõe-se empreender um caminho para decidir e deliberar. Os órgãos eclesiais de exercício da sinodalidade previstos até agora – sínodo dos bispos, sínodo diocesano, conselho presbiteral e pastoral, conselho pastoral paroquial – são todos consultivos, ou seja, prevêm uma consulta para chegar a uma deliberação sinodal.

Consultar significa acolher um parecer ou uma proposição vindas de uma assembleia ou dos seus membros, mas a autoridade não está vinculada a estas propostas. Está vinculada a solicitá-las e a escutá-las, mas permanece livre no deliberar, e não tem sequer de honrar

uma maioria expressa deste modo. A deliberação da Igreja realiza-se com o concurso de todos, mas nunca sem a autoridade pastoral (papa, bispo, pároco), a qual assume a responsabilidade pessoal da decisão, e no entanto «não se afastará das opiniões ou votos expressos em larga maioria, a não ser por graves motivos de caráter doutrinal, disciplinar ou litúrgico» (Congregação para os Bispos, “Apostolorum successores” 171, 2004). Seja em todo o caso reconhecido que, segundo o mesmo documento, no sínodo todos os membros são chamados a colaborar ativamente na elaboração das declarações e dos decretos.

A elaboração da decisão de uma assembleia sinodal pertence, portanto, aos membros que a compõem, enquanto que a decisão cabe à autoridade pastoral, que a assume e a delibera. É verdade que se admite que a expressão “votum tantum consultivum” (“voto só consultivo”) é inadequada para indicar a sinodalidade como caminho de comunhão; mas estamos só no início de uma nova aquisição de todo o processo sinodal, que hoje quer absolutamente reconhecer a diversidade dos carismas e dos ministérios, e a qualidade do povo de Deus enquanto sujeito que, alimentado pelo “sensus fidei”, é sem certo sentido infalível “in credendo” [ou seja, ao crer, não pode enganar-se, ainda que não encontre palavras para explicar a sua fé]. Os pastores, juntamente com o povo de Deus, em sínodo, devem «examinar tudo e discernir aquilo que é bom», procurando sempre, em conjunto, a conformidade da vida e do comportamento do povo de Deus com o Evangelho.

Discernir e deliberar é um ato eclesial, inspirado pela Palavra de Deus, fruto do exame dos sinais dos tempos, gerado por uma escuta e por um debate fraterno que necessita do concurso de cada um e de todos para conseguir elaborar e decidir conjuntamente aquilo que

em seguida é deliberado pela autoridade pastoral, que não pode dispensar o contributo dos diversos ministérios e carismas eclesiais. A sinodalidade não se esgota por isso num acontecimento celebrado (um sínodo), mas deve surgir como estilo quotidiano da Igreja: caminhar juntos, pastores e povo de Deus, na peregrinação que toda a Igreja realiza para o Reino. “Ex concordantia sussistit ecclesia”; “a Igreja subsiste a partir do acordo, da concórdia” entre todos os seus membros.

Desencadear processos sinodais na Igreja é não só urgente, mas também decisivo, para impedir uma situação de comunidade cristãs desafiadas que já não sentem a comunhão na Igreja local e na Igreja católica, universal.